ANO 43.º — NUMERO AVULSO, 20 CENTAVOS — Segunda-feira, 9 de Julho de 1923

O SECULO

ADMINISTRAÇÃO, REDAÇÃO E OFICINAS
RUA DO SECULO, 48 — LISBOA

ENDEREÇO TELEGRAFICO: SECULO - LISBOA

TELEFONES: 4:000, 4:001, 4:002, 4:090, 4:091, 4:092
SUCURSAL DO ROCIO: N.º 8:429

REDATOR PRINCIPAL—AMADEU DE FREITAS — PROPRIEDADE DA SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA — ANTONIO MARIA LOPES — EDITOR

O feretro saindo de casa do extinto

GUERRA JUNQUEIRO

O maior Poeta contemporaneo da latinidade ficou hontem repousando na Basilica da Estrela. Da rua Silva Carvalho a esta egreja acompanhou-o, n'uma romagem piedosa, uma multidão composta de gente de todas as classes. A homenagem de hontem demonstrou que Junqueiro, sendo uma das mais belas figuras da Raça, era tambem um dos nossos poetas mais populares.

A emoção do seu passamento alanceou todos os corações, foi de lés a lés do paiz e passou as fronteiras como um cantico de Dôr. Prranteando Junqueiro, a Patria consagra o Poeta que, com o seu lirismo fulgurante, encheu um seculo de luz. O povo o demonstrou hontem, acorrendo a prestar a sua comovida homenagem de saudade.

A soldagem do caixão

De madrugada, o grande artista Costa Mota (tio) terminou a modelação do busto austero e das mãos divinas do Poeta. O cadaver foi velado durante a noite e manhã, por pessoas de familia e amigos intimos do finado. Nem flôres, nem corôas, cobriam o corpo; as proprias insignias da Legião de Honra—unica condecoração que ele aceitou—ficaram guardadas ao canto d'uma gaveta.

A's dez horas da manhã, o caixão foi soldado, na presença de poucas pessoas, entre as quaes o sr. presidente do Ministerio. O reverendo Filipe Cardoso, coadjutor de Santa Izabel, fez a encomendação do corpo. A cerimonia do cerramento da urna foi profundamente tocante, pelas cenas de lagrimas a que deu motivo. D. Maria Izabel, filha de Junqueiro, foi a que mais comovidamente exteriorisou a sua dôr, cobrindo de lagrimas e de beijos o rosto de seu querido Pae. D. Filomena Junqueiro, a veneranda esposa do Poeta, não assistiu ao cerramento, por seu genro recear que ela não resistisse áquele derradeiro golpe.

O ato impressionou dolorosamente quantos a ele assistiram, vendo-se muitos olhos marejados de lagrimas.

Desde as primeiras horas da manhã até ao saimento do corpo, continuou a romagem de pessoas de todas as classes que iam ali apresentar condolencias. São de muitos milhares os nomes inscritos nos registos. D'êles destacamos, ao acaso, os seguintes:

D. Alejandro Padilla, ministro de Hespanha; Julião Quintinha, pela «Voz do Sul», de Silves; Abel Marinho Falcão, comandante de infantaria 21; Raul Lelo, pelo grande escritor brazileiro dr. Coelho Neto; Bourbon e Menezes, dr. Alfredo Cortez, general Sousa Machado, Eduardo Gomez de Baquero, almirante Eduardo Neuparth; Alexandre Ferreira, pela Comissão Executiva da Camara Municipal; Cesar Procopio de Freitas, pelo Diretorio do Partido Radical; dr. Bettencourt Rodrigues, Augusto Pina, Archer de Lima, dr. Jacinto de Freitas; dr. José Maria Queiroz Veloso, pela Faculdade de Letras; dr. Jaime Cortezão, Herculano Galhardo, Adães Bermudes, general Joaquim Valdez, tenente-coronel Tavares de Carvalho; dr. José Maria Rodrigues, pela Academia de Ciencias; dr. Sobral Cid, Urbano Rodrigues, Carlos Babo, etc.

Os telegramas eram tambem numerosissimos, vendo-se, entre outros, os dos srs. Adriano Gomes Pimenta, diretor do «Primeiro de Janeiro»; diretores do Club Taurino «Manuel dos Santos»; Mario de Moraes Afonso, pelos Adueiros de Portugal; Henrique Martins Vagueiro, pela comissão politica do Centro Radical 19 de Outubro; dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal no Rio de Janeiro; Alberto Silva, pelo Congresso Distrital da Guarda; dr. Oliveira Guimarães, dr. Leonardo Coimbra, Luiz de Magalhães, Severiano José da Silva, padre Martins, D. Alzira Dantas Machado, D. Manuela Vaz e dr. Angelo Vaz, empregados da Escola Primaria Superior de Ovar, dr. Caeiro da Mata, Francisco Castro Monteiro, dr. Veloso, pelo Congresso das Juventudes Catolicas, diretores do Montepio «Guerra Junqueiro, comandante Sacadura Cabral, deputados Antonio Correia e Andrade Ferreira, Camara Municipal de Vila do Conde, tenente-coronel Freire, Associação dos Caixeiros de Guimarães, dr. Pereira Osorio, jornal «A Academia», de Coimbra; dr. Matos Ferreira, Marques de Azevedo, Teixeira Lopes, Jacinto Romariz, dr. Alberto de Oilveira, ministro de Portugal na Argentina, etc.

Entre os telegramas de condolencias, figuram ainda os seguintes:

MADRID, 8.—Nos associamos á su dolor por irreparable perdida eximio Poeta antiguo cordial amigo nuestro inolvidable padre.—Familia Salmeron.

LISBOA, 7.—A direção do Grémio Lusitano, tendo tomado conhecimento do crudelissimo desgosto que acaba de enlutar v. ex.ª, entristecendo muito sinceramente a maioria da população portugueza, vem perante v. ex.ª significar a sua inteira solidariedade pela cruciante magua que o atinge, por motivo do falecimento do grande portuguez e insigne e inimitavel Poeta que foi Guerra Junqueiro, uma das maiores glorias das letras patrias que tão brilhantemente soube fazer-se amar pelos seus concidadãos, pela sublime obra literaria que deixa ficar e que constitue um dos maiores e mais gloriosos tesouros da nossa época. Digne-se v. ex.ª aceitar a expressão sincera da profundissima condolencia d'esta direção e dos associados do Grémio Lusitano.—Magalhães Lima.

VIANA DO CASTELO, 7.—O Congresso das Juventudes Catolicas Portuguezas, recordando comovidamente Junqueiro, grande Poeta e irmão em crenças, falecido á sombra da Egreja, apresenta sentidos pezames.—Veloso.

A chave do caixão ficou em poder do sr. dr. Mesquita de Carvalho, genro do extinto.

A trasladação para a Basilica da Estrela

A's 17 horas, como tinhamos anunciado, realisou-se a trasladação para a Basilica da Estrela. A urna foi coberta com a bandeira nacional, que tinha um laço de crepes, e conduzida da camara ardente até ao terreiro da casa da rua Silva Carvalho pelos srs. drs. Bernardino Machado, Santos Silva, Ricoes Pereira e Mesquita de Carvalho.

Do terreiro á carreta organisou-se um turno, constituido pelos srs. Sebastião De Vecchi Neves, general Adriano de Sá, dr. Mesquita de Carvalho, Jeão do Vale Correia, dr. Ferreira de Lemos, dr. Santos Silva, Lino Martins Coelho, dr. Santos Monteiro e Oliveira Castro.

A rua estava pejada de populares, respeitosamente descobertos.

Colocada a urna n'uma carreta modesditissima da agencia Mendes Barata, o cortejo seguiu pela rua Silva Carvalho até á esquina da rua Saraiva de Carvalho, pegando aos cordões estudantes dos liceus e faculdades. D'uma magestade severa, que a morte tornava augusta, o cortejo passou por entre alas de gente simples que se aglomerava nos passeios. As janelas estavam pejadas de senhoras, muitas das quaes trajavam de negro. Bandeiras nacionaes, a meia haste, flutuavam aqui e ali.

Da esquina da rua Saraiva de Carvalho até ao largo da Estrela organisou-se outro turno, constituido pelos srs. general Correia Barreto, dr. Augusto de Vasconcelos, Francisco de Almeida, irmão do Chefe do Estado; almirante Almeida de Eça e dr. Bettencourt Rodrigues. A' passagem em frente do quartel da G. N. R., na rua da Estrela, soldados e oficiaes formaram á porta, descobrindo-se respeitosamente.

No largo da Estrela, deante do magestoso templo, a policia continha a custo, muitas centenas de pessoas. Abundavam os estudantes, que, com as suas capas negras, imprimiam um cunho tocante de homenagem á cerimonia. A mocidade, tão querida do Poeta, consagrava-o n'aquela manifestação de saudade. Outro turno se organisou então, até ao atrio da egreja, pelos srs. dr. Bernardino Machado, Bartolomeu Severino, ministro dos Negocios Estrangeiros, pelo Governo; Costa Carneiro e general Cristovão Aires, pela Academia de Ciencias.

O templo estava repleto de gente. Alguns fieis resavam. Ao centro, defronte do altar-mór, erguia-se um catafalco. N'ele foi deposta a urna. Do atrio até ao corpo central da Basilica constituiu-se outro turno com os srs. Jaime Atias, pelo Chefe do Estado; dr. Eduardo de Sousa, coronel Fernando Borges, Luiz Derouet, Mayer Garção, Oldemiro Cesar, dr. João de Barros, Raul Brandão, Manuel de Sousa Pinto, dr. Jaime Cortezão e dr. João Barreira. Por fim, estudantes transportaram aos hombros o caixão até ao catafalco.

O reverendo prior da Lapa, dr. Domingos Nogueira, que aguardara o corpo á porta da egreja, fez a encomendação. E foi tudo. Assim, simplesmente, sem lumes e sem flôres, apenas com saudade e com lagrimas, Guerra Junqueiro ficou repousando na Basilica. Os estudantes e o povo deram, na trasladação, a mais emotiva nota de ternura e de gratidão pelo que foi o grande Poeta da Raça.

Junqueiro ficará noa Jeronimos ou irá para Viana do Castelo?

A sessão de hoje na Camara dos Deputados será dedicada ao Poeta. O sr. ministro da Instrução, que chegou hontem a Lisboa, falará em nome do Governo, no caso de se pronunciarem discursos, parecendo que no «rapido» da tarde chegará do Porto o sr. dr. Leonardo Coimbra que, apesar de ter abandonado ha tempo os trabalhos parlamentares, falará em nome da maioria.

Como dissémos, o sr. presidente do Ministerio apresentará uma proposta de lei para que os funeraes de Junqueiro, que devem realisar-se na quarta-feira, sejam nacionaes. Consta-nos que, ao mesmo tempo, o sr. Antonio Maria da Silva proporá tambem que os restos mortaes do Poeta fiquem nos Jeronimos, considerando-se dia de luto nacional o dos funeraes.

No caso de que Junqueiro não vá para o Panthéon, é absolutamente certo que não será enterrado em Freixo de Espada-á-Cinta, ao lado de sua mãe. A familia, satisfazendo um pedido seu, sepultal-o-ha em Viana do Castelo, cidade onde o Poeta viveu os melhores anos da sua vida, onde se consorciou e á qual tinha um grande amor.

A solução d'este problema, depende do quee se passar hoje no Parlamento, bem como o da determinação do dia e hora dos funeraes.

Varias manifestações de saudade

A familia de Junqueiro manda rezar ámanhã, pelas 11 horas, na Basilica da Estrela, uma missa por alma do glorioso Poeta.

—Como a familia, embora não os solicite—satisfazendo uma das ultimas vontades de Junqueiro—não se opõe a que se organisem turnos para velar o corpo, emquanto ele estiver na Basilica da Estrela, a «Casa dos Jornalistas» convida todos os profissionaes da imprensa a comparecerem ali, hoje, das 18 ás 19 horas, para constituir um turno.

—O distinto jornalista sr. José Sarmento recebeu um telegrama do sr. Melo Barreto, nosso ministro em Madrid, pedindo que o represente nos funeraes.

—A Junta de freguezia do Socorro aprovou hontem um voto de sentimento.

—O jantar que a Associação Industrial devia oferecer, depois de ámanhã, ao sr. dr. Augusto de Castro foi adiado para depois dos funeraes do Poeta.

Por lapso, dissemos hontem, que o glorioso Poeta fôra deputado ás Constituintes de 1911, o que não é verdade. A retificação impunha-se, desde que se trata de um facto historico.

O sr. dr. Santos Silva, que no Porto fôra um dos medicos assistentes de Guerra Junqueiro e seu grande amigo, veiu imediatamente a Lisboa, como dissemos, assim que teve noticia do falecimento do grande Poeta.

A «Casa dos Jornalistas» e a morte do Poeta

A direção da *Casa dos Jornalistas*, em virtude do falecimento do grande Poeta, resolveu adiar a festa que em sua honra devia realisar-se hoje no teatro S. Luiz, tendo enviado ao sr. dr. Mesquita de Carvalho o seguinte telegrama:

Em nome da direção da «Casa dos Jornalistas» peço-lhe que aceite e transmita a toda a familia do glorioso Poeta, a nossa profunda e comovida dôr.—José Sarmento, *presidente da direção.*

Velando o cadaver

Durante a tarde e a noite muitas centenas de pessoas passaram, em piedosa romagem, na Basilica da Estrela, deante do ataúde onde se encerra o corpo de Guerra Junqueiro.

Estudantes e escoteiros velaram o cadaver até ás primeiras horas de hoje, tendo a Federação Academica organisado, para esse efeito, uma série de turnos. Varias coletividades cientificas, literarias e profissionaes constituirão hoje, ámanhã e depois turnos com associados seus.

1.º, das 18 ás 19 horas—Zagalo Fernandes, Ferreira Junior, Rodrigues Migueis, Santos Paiva e Pinto Rodrigues.

2.º, das 19 ás 20—Fernando Mayer Garção, José Batista, Antonio Miranda, Eliziario Brito e Bastos Garcia.

3.º, das 20 ás 21—Presidente da Associação dos Estudantes Beirões, Antonio Faxada, Filipe Ferreira, Beça Quintão, Pardal Junior e dr. José Maria Rodrigues, professor e membro da Academia de Ciencias.

4.º, das 21 ás 22—Delegação do Grupo de Escoteiros n.º 13.

O luto na provincia e no estrangeiro

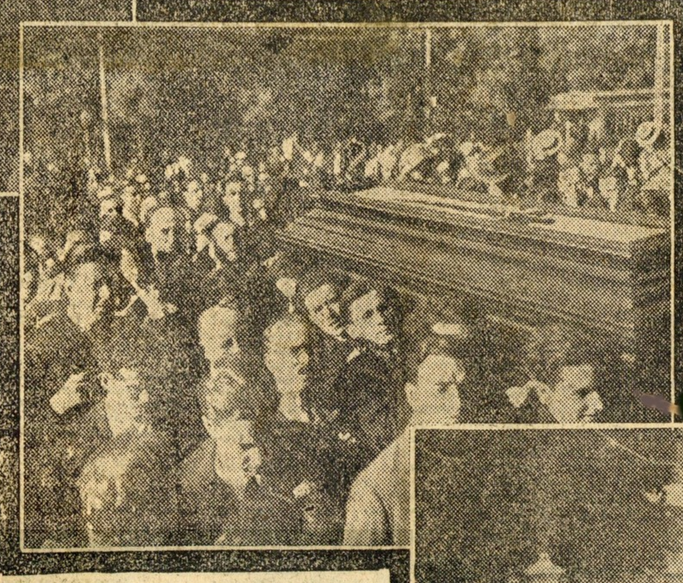
PORTO, 8.—C.—Varios telegramas de condolencias teem sido d'aqui expedidos á desolada viuva do grande Poeta. A direção da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, de que Guerra Junqueiro era socio honorario, tambem telegrafou acompanhando a ilustre senhora no profundo golpe que a enlutou e feriu a Nação. Os srs. Antonio e José Lelo receberam um telegrama do eminente escritor brazileiro Coelho Neto, pedindo-lhes para o representarem nos funeraes e traduzindo em palavras sentidissimas a sua grande magua e profunda veneração pelo genial Poeta.

COIMBRA, 8.—C.—Causou aqui o mais profundo pezar a noticia da morte do genial Poeta Guerra Junqueiro. Em alguns edificios particulares está a meia haste a bandeira nacional. Na sua conferencia na Universidade, o sr. dr. Oliveira Lima, ministro do Brazil na Belgica, referiu-se com sentidas palavras á memoria de Guerra Junqueiro, que disse ser adorado no Brazil, onde as suas obras são tão conhecidas, como as de Eça de Queiroz e Oliveira Martins.

A impressão causada na assembléa do Congresso Distrital da Guarda

GUARDA, 8.—T.—Ao terminar a 3.ª sessão do Congresso Distrital, reunido n'esta cidade, o presidente transmitiu a noticia do falecimento do insigne Poeta Guerra Junqueiro, tendo-se a assembléa manifestado comovidamente. Foi resolvido enviar um telegrama de condolencias á familia do glorioso morto.

RIO DE JANEIRO, 8.—A morte de Guerra Junqueiro causou em todo o Brazil a mais profunda impressão, tendo as associações portuguezas içado a bandeira a meia haste. Todos os jornaes publicam o retrato do glorioso Poeta, dedicando ao infausto acontecimento paginas sentidissimas. O povo lê avidamente as referencias dos jornaes, tendo a noticia causado uma vivissima sensação de pesar, não obstante o desenlace ser esperado a cada momento. A Camara dos Deputados, por proposta do sr. dr. Augusto Lima, aprovou um voto de profundo pesar pela grande perda.—(*A.*)



A urna entrando na Basilica da Estrela

Guerra Junqueiro, quando ministro em Berne tendo á direita o consul geral, marquez de Faria

Excertos

O verbo «cantar»

O verbo *cantar* é um dos filhos radiantes do verbo supremo, do verbo divino e criador, que é o verbo *amar*.

Cantar é pôr os sons em harmonia, tornal-os amigos, parentes proximos, irmãos devotados e inseparaveis. Cantar é moralisar o som. Os sons disformes significam egoismos, desuniões, lutas, violencias, odios, hostilidades. Os sons acordes realisam paz, aliança, carinho, virtude, abnegação, amor. Quando os sons reciprocamente se estimam, dizemos que se casam. E' a verdade.

O piano, o violino, o orgão. No piano as notas são articuladas, ha um salto de nota para nota. Ha contiguidade, não continuidade. De nota a nota ha um intersticio, uma lacuna. Cada uma d'elas não perdeu por completo a sua autonomia, o seu egoismo. No orgão, ou na rabeca, as notas são continuas, fundem-se, convivem mais, porque cada uma d'elas sacrifica, por amor á outra, uma parte do seu individualismo, o seu limite; sentimol-as diferentes, mas não sabemos onde acaba uma e onde começa a outra.

A palavra falada, a palavra cantadá. No canto ha mais amor entre as palavras; socialisam mais, fraternisam mais. O grito inarticulado é a primeira lingua do animal. A palavra articulada é musica entre as silabas. Ha palavras mais amorosas e menos amorosas. O verso é mais belo do que a prosa, porque estabelece entre as palavras uma amisade mais estreita. Um verso errado é um delito.

Os gemidos e os ais são harmonicos. Tanto mais harmonicos quanto mais intensa e amorosa a dôr profunda que os produz. Esses ais são o espetro sonoro do sofrimento, mas as côres são o espetro da luz.

A luz é musica. O prisma é um instrumento de musica.

Faz da luz uma orquestra, um hino de côres. O prisma revela a musica dos átomos.

Ha linhas e côres que fazem cantar, porque são já musica sem voz. O canto tradul-as apenas, dá-lhes lingua.

A desarmonia é um pecado. Ou antes: a desarmonia é o pecado.

O cristal é o canto lirico dos átomos. O carbono cristalisa de tres fórmas, canta de tres maneiras. O diamante é o seu hino mais puro.

Não ha dois cristaes de neve que sejam identicos; em cada floco de neve ha milhões de cristaes, milhões de estrofes silenciosas: Nevar é agua a cantar. A flôr é o canto da raiz. As plantas cantam na primavera. Os campos, em abril, rezam os seus poemas.

O eter não ouve, não é amigo do som. O som nasceu muito depois do eter. Os gazes conduzem mal o som. Os liquidos conduzem-no quatro vezes melhor e os corpos solidos doze vezes melhor. Porquê? Porque o gaz é mais egoista que o liquido, e o liquido mais egoista que o solido.

Os metaes que não vibram, os metáes mudos, são os metaes moles—estanho, chumbo, mercurio—cujas moleculas teem entre si menos coesão, menos amisade. Pelo contrario, os metaes mais sonoros são os metaes mais rigidos, cujas moleculas se apertam e unem por um amor mais intimo.

.....

O que ha n'um violino? Madeira sêca e tripas mortas. Com o cadaver do platano e os intestinos do porco criar uma voz que extasia os anjos! Uma bela harpa, suspirando, evangelisa. E' um sermão. O inventor do orgão deveria ser canonisado. O orgão é a voz profunda da catedral.

.....

A canção é a flôr dos labios. As bocas dos civilasados bestiaes comem, devoram, mentem, blasfemam, escarnecem, mas não cantam. Ouvem cantar á noite, para auxiliar a digestão. O jornaleiro, lavrando e ceifando, canta. O burguez, atarefado em negocios, calcula, questiona, grita, roga pragas. Os banqueiros, que se nutrem de ouro, teem a alma de chumbo. Os mendigos cegos, que vivem de esmolas, teem harpas no coração.

.....

Os berços sem canções são berços que não teem mãe. A criancinha que não fala entende só o que lhe cantam, o que se lhe diz por musica.

Quem canta toda a vida traduz a vida em harmonia, angelisa a vida. S. Francisco de Assis morreu a cantar.

Cantar é amar. O cantigo religioso é a oração perfeita. A lingua dos anjos é musica espiritual. A sintese do universo, o cantico absoluto, é o absoluto amor—é Deus!

Barca d'Alva, 1902

O DOIDO

Um doido, personificação de Portugal decadente, aparece ás noites a cantar baladas sem nexo junto ás janelas do Paço. «Astrologus», o ministro, explica ao rei quem é esse fantasma que o assusta.

A. C.

Maior que nós, simples mortaes, este gigante
Foi da gloria de um povo o semi-deus radiante,
Cavaleiro e pastor, lavrador e soldado,
Seu torrão dilatou, inospito montado,
N'uma Patria... E que Patria! a mais formosa e linda
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda!
Campos claros de milho moço e trigo louro,
Hortas a rir, vergeis noivando em frutos d'ouro,
Trilos de rouxinoes, revoadas de andorinhas,
Nos vinhedos, pombaes; nos montes, ermidinhas;
Gados nedios, colinas brancas, olorosas,
Cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas,
Selvas fundas, nevados pincaros, outeiros
D'olivaes, por nogaes fraudas de pecegueiros,
Rios, noras gemendo, azenhas nas levadas,
Eiras de sonho, grutas de genios e de fadas,
Riso, abundancia, amor, concordia, juventude.
E entre a harmonia vergiliana um povo rude,
Um povo montanhez e heroico á beira-mar,
Sob a graça de Deus a cantar e a lavrar!
Patria feita lavrando e batalhando: Aldeias
Conchegadinhas sempre ao torreão de ameias,
Cada vila um castelo. As cidades, defezas
Por muralhas, bastiões, barbacãs, fortalezas,
E a dar a fé, a dar vigor, a dar o alento,
Grimpas de catedraes, zimborios de convento,
Campanarios de egreja humilde, erguendo á luz,
N'um abraço infinito, os dois braços da cruz!
E ele, o heroe imortal d'uma empreza tamanha,
Em seu tuguriozinho alegre na montanha
Simples vivia—paz grandiosa, augusta e mansa,
Sob o burel, o arnez; junto do arado, a lança.
Ao palido esplendor do Ocaso na arribana,
Dil-o-hi-eis, sentado á porta da choupana,
Ermitão misterioso, extatico vidente,
Olhos no mar, a olhar sonambulicamente...

—«Aguas sem fim! Ondas sem fim!... Que mundos novos
«De estranhas plantas e animaes, de estranhos povos,
«Ilhas verdes além... para além d'essa bruma,
«Diademadas de aurora, embaladas de espuma!
«Oh, quem fôra, atravez de ventos e procelas,
«N'uma barca ligeira, ao vento abrindo as velas,
«A demandar as ilhas d'ouro fulgurantes,
«Onde sonham anões, onde vivem gigantes,
«Onde ha topazios e esmeraldas a granel,
«Noites de Olimpo e beijos d'ambar e de mel!»

E cismava e cismava... As nuvens eram frotas,
Navegando em silencio a paragens ignotas...
—«Ir com elas... fugir... fugir...»—Uma manhã,
Louco, machado em punho, a golpes de titã,
Abateu impiedoso o roble familiar,
Ha mil anos guardando o colmo do seu lar,
Fez do tronco n'um dia uma barca veleira,
Um anjo á prôa, a cruz de Cristo na bandeira...
Manhã de heroes... levantou ferro... e, visionario,
Sobre as aguas de Deus foi cumprir seu fadario.
Multidões, acudindo, ululavam de espanto,
Velhos de barbas centenarias, rosto em pranto,
Braços hirtos de dôr, chamavam-no... Jamais!
Não voltaria mais... oh, jámais... nunca mais...
E a barquinha, galgando a vastidão imensa,
Ia como encantada e levada, suspensa,
Para a quimera astral, a musicas de Orfeus...
O seu rumo era a luz, seu piloto era Deus!
Anos depois, volvia á mesma praia, emfim,
Uma galera d'oiro, e ebano e marfim,
Atulhando, a estoirar, o profundo porão
Diamantes de Golconda e rubis de Ceilão,
Naiades, e tritões, e ninfas, ao de leve,
Moviam-na a cantar sobre espaduas de neve.
No estandarte, uma cruz esquartelando a esfera;
E Venus, voluptuosa, á prôa da galera
Com o anjo cristão, virgem risonha e nua,
A mamar alvorada em seus peitos de lua!...
O argonauta imortal, quimerico gigante,
Voltava dos confins da epopeia radiante,
Extasiados ainda os olhos vagabundos
D'astros de novos céus, floras de novos mundos!

Do «Patria»